especificamente para o Norte/Nordeste. Aos preços médios de R$7,77/60kg na abertura e de R$8,16/60kg no fechamento, foram vendidas 58,8 mil toneladas do grão depositado em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Particularmente para o Centro-Sul, a programação de desova dos estoques prevê dois leilões semanais, detonados toda vez que o preço do grão no atacado da praça paranaense de Ponta Grossa atingir R$8,50/60kg. Essa modalidade de abastecimento será complementada pelas chamadas "vendas de balcão" (sinônimo de vendas diretas aos criadores de aves e suínos), específicas para as praças gaúchas e catarinenses, para as quais foi reservada parte do produto em EGF a ser transformado em AGF.

Safrinha deve crescer

Quanto à safrinha, este ano ela deverá sofrer a concorrência do trigo, cuja atratividade tem crescido na mesma proporção em que se divulgam os números relativos ao seu déficit interno. Além do mais, o risco do plantio do milho fora da época recomendada pela extensão rural sempre depôs contra essa segunda semeadura, muito embora a amenidade dos últimos invernos tenha facultado colheitas encorajadoras. No triênio 1993-95, por exemplo, a área colhida com a safrinha no Centro-Sul avançou 32% em termos acumulados, enquanto o rendimento físico médio de 2.100kg/ha equivaleu a 70% do rendimento da primeira safra.

De qualquer forma, a referida avaliação de safra realizada pela Conab informou que a colheita da safrinha no Centro-Sul deverá ser de 3,6 milhões de toneladas, 12% acima do resultado de um ano antes. Se esse número se concretizar, teremos um novo recorde na colheita complementar, resultado tanto do crescimento de 5% estimado para a área plantada quanto do avanço de 7% esperado para o rendimento físico. É de ressaltar o expressivo aumento de 16% na superfície destinada ao grão na segunda safra do Centro-Oeste, tendo em vista o pouco interesse que a região manifestara no primeiro plantio.

Finalmente, no que diz respeito ao desempenho avícola e sua conseqüente pressão sobre a demanda de milho, a previsão da Associação Paulista de Avicultura (APA) é de que a produção de carne cresça 10% sobre os 4,1 milhões de toneladas registrados em 1995, acompanhada por 8% de avanço no segmento de postura. Esses números significam uma desaceleração do aperto sobre o mercado do grão relativamente ao ocorrido no ano passado — quando ambas as atividades cresceram 19% —, mas não deixam de ser um fator importante a ser considerado no quadro de abastecimento da atual temporada.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

ARROZ

Preços internos permitem importações

Redução da alíquota de importação e ligeiro crescimento dos preços internos aproximam as cotações nacionais e internacionais, viabilizando as importações, estimadas atualmente em 1 milhão de toneladas.

Ao contrário do que ocorre com grande parte das cadeias agroindustriais existentes no Brasil, a agroindústria do arroz é estruturalmente pulverizada, tanto em termos espaciais quanto em relação ao grande número de empresas trabalhando na atividade. Não há uma clara definição das fatias de mercado pertencentes a cada segmento, como acontece nos grandes grupos empresariais que atuam na área de alimentos. Estes, em geral, apresentam estrutura fortemente concentrada, com empresas líderes atuando em nível nacional e empresas menores em mercados regionais. No caso do arroz, o grau de elaboração do produto é muito baixo, resultando numa limitada adição de valor. Além disso, a dispersão espacial dos engenhos resulta numa estrutura relativamente mais competitiva em termos comerciais, com grande número de marcas que surgem e desaparecem com igual rapidez. O grande número de marcas disponíveis nos grandes centros (alguns estudos recentes apontam em torno de 3 mil marcas registradas no país) torna a competição entre as agroindústrias mais acirrada e favorece o setor varejista, que pode impor condições e prazos para a compra do produto beneficiado.

O Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 45% da produção nacional. Nos últimos anos, a Fearroz vem acusando um processo de concentração no setor, com as 11 maiores indústrias respondendo por mais de 30% do total beneficiado no Rio

Grande do Sul. Segundo a Agriplan, o parque industrial gaúcho tem elevada ociosidade, excessivo número de marcas e reduzido capital de giro. De um total de 867 engenhos existentes no estado, apenas 493 são ativos e só 168 atuam em escala comercial (empresas que beneficiam pelo menos 5 mil sacas de arroz por mês).

Em termos gerais, no entanto, a estrutura comercial passa por transformações. A figura do grande atacadista, que faz a ponte entre o fornecedor e o varejo, vai perdendo aos poucos sua importância na comercialização, onde três ou quatro grandes cerealistas controlavam a intermediação, com grande influência no tocante a preços e até às informações sobre o mercado. O que vem ocorrendo nos últimos anos, com o amadurecimento das lavouras irrigadas no que se refere à qualidade e regularidade de oferta, é o fortalecimento das relações indústria-varejo, ou seja, o mercado passa a suprimir uma etapa da comercialização, estabelecendo vínculos diretos entre grandes fornecedores e grandes compradores. A concentração ou verticalização do varejo (quando uma grande rede se instala em uma determinada região, eliminando pequenos pontos finais de venda) também favorece os grandes fornecedores. Em outras palavras, quando pequenos mercados quebram, os pequenos fornecedores quebram junto.

Em termos conjunturais, o advento do Plano Real e os baixos preços do arroz em todos os níveis de comercialização nos últimos anos também contribuíram para o fortalecimento das marcas maiores. O diferencial entre os preços de marcas famosas e os de outras menos conhecidas passou a ser inexpressivo, levando o consumidor a se tornar mais exigente. Os grandes supermercados por sua vez demandam marcas fortes, exigindo regularidade quanto ao atendimento e à qualidade do produto.

Consumo no pós-Real: quadro confuso

Muito se tem especulado sobre o comportamento do consumo de alimentos básicos no período pós-Real. No caso do arroz, a informação não pode ser obtida em termos absolutos; ela é estimada nos balanços de suprimento divulgados pela Conab, de onde se pode extrair o consumo aparente. Segundo os últimos números divulgados, a produção deverá declinar, atingindo 10,18 milhões de toneladas, 9,4% menos do que em 1995. O consumo deve crescer apenas 1% sobre o do ano passado, totalizando 11,73 milhões de toneladas.

Daí decorrem duas indagações básicas: houve de fato incremento no consumo, por causa da manutenção do poder aquisitivo da população combinada ao baixo preço praticado no varejo? (Em termos clássicos, esse delta deveria mesmo ocorrer, só que dentro de um estreito limite, determinado pela baixa elasticidade-renda da demanda do produto.) Em segundo lugar, a incorporação de segmentos populacionais antes excluídos do mercado, ou o aumento do poder de compra das classes mais baixas, terá aumentado o consumo de modo efetivo? Para esta pergunta não há resposta consistente.

Brasil — arroz
Quadro de suprimento — mil t — 1994-96

	Anos-safra		
	1993/94	1994/95	1995/96
Estoque inicial	1.048,90	1.573,30	2.142,80
Produção	10.522,80	11.243,40	10.185,10
Importação	1.565,50	978,60	1.000,00
Suprimento	13.137,20	13.795,30	13.734,00
Consumo	11.560,00	11.617,80	11.734,00
Excedente	1.677,20	2.177,50	1.593,90
Exportação	3,90	34,70	5,00
Estoque final	1.573,30	2.142,80	1.588,90

Fonte: Conab.

Alguns estudos para um prazo mais longo indicam empobrecimento da população como um todo, com redução na capacidade de compra de alimentos. De acordo com a Target Pesquisas e Serviços de Marketing, em 1983 o brasileiro destinava 17,3% do orçamento familiar para alimentos e bebidas. Hoje, este dispêndio está calculado em média em 22,7%.

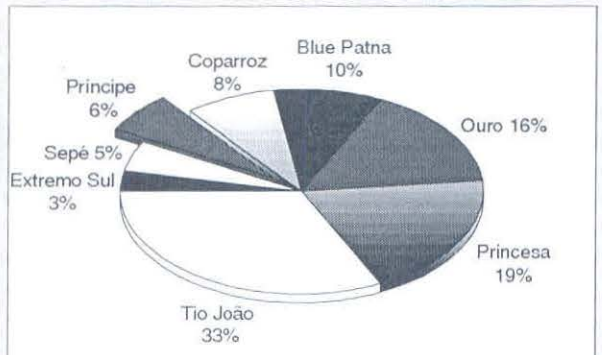
Uma importante informação é a fornecida pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), segundo a qual houve acréscimo de 14% em geral nas vendas totais do varejo em 1995 em relação a 1994. Observou-se também um aumento de 10% no consumo físico de arroz para o mesmo período. Os empresários do setor informam ainda uma recuperação bastante perceptível do poder aquisitivo da população, dado o real crescimento da venda física *per capita* e também no faturamento.

São Paulo forma preços

Apesar da dispersão da atividade arrozeira, o mercado composto pela cidade de São Paulo ainda é a praça formadora de preços no país. A Bolsa de Cereais de São Paulo desempenha um importante papel na distribuição para os principais centros de consumo do produto. Entretanto, o sistema de leilões, com sustentação técnica e jurídica da bolsa, foi substituído por outra estrutura composta por repre-

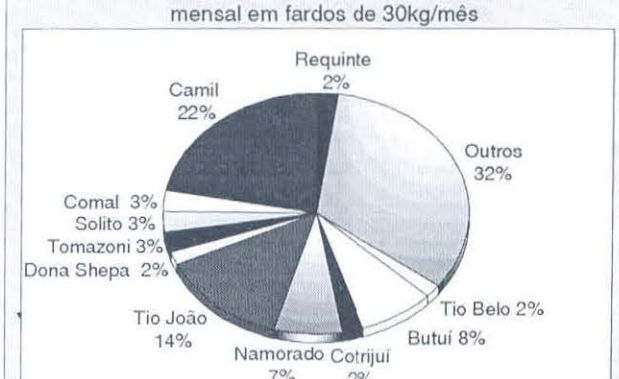
Arroz

Ranking das principais marcas vendidas na cidade do Rio de Janeiro em fardos de 30kg/mês



Arroz

Ranking de marcas na cidade de São Paulo e venda média mensal em fardos de 30kg/mês



sentantes de indústrias e cerealistas, concentrada ao redor do prédio da bolsa. Os leilões, em sua forma tradicional, são realizados apenas por ocasião da desova de estoques do governo.

Segundo fontes empresariais, na cidade de São Paulo predomina o consumo de arroz branco (90% arroz branco e 10% parboilizado), enquanto no Grande Rio o consumo do parboilizado é predominante (65% parboilizado e 35% arroz branco). Se considerarmos o estado do Rio de Janeiro como um todo, esta proporção se modifica para 55% arroz parboilizado e 45% arroz branco. O consumo médio mensal estimado para o estado do Rio de Janeiro é de 36 mil toneladas.

Arroz

Composição do preço no atacado de São Paulo a partir das cotações FOB Bangcoc

Itens	US$/unidade
Beneficiado FOB Bangcoc — US$/t — THAY 100 B	345,00
Despesas de comercialização	129,00
Impostos	94,00
Subtotal US$/t	568,00
Subtotal — US$/fardo de 30kg	17,05
Outras despesas (empacotamento, PIS, Cofins)	0,94
Preço posto no atacado SP — US$/30kg	17,98

Fonte: Conab/Dipla/Depae/Dival.

Paridade viabiliza importações

Em 29 de abril, o arroz saiu da lista de exceção da tarifa externa comum, e as alíquotas de importação desceram de 20 e 22% (para o produto em casca e beneficiado, respectivamente) para 10 e 12%, tornando os preços internacionais mais competitivos (ver tabela de paridade). O arroz tailandês 100% B e o vietnamita, 5% quebrados, equivalem, respectivamente, ao longo fino brasileiro tipo 1 e longo fino tipo 2.

Arroz

Paridade de importação

Origem	Unidade	Tailândia 100% B	Nacional LF tipo 1	Vietnã 5% quebrados	Nacional LF tipo 2
FOB	US$/t	345,00	530,00	297,00	471,00
Atacado SP(CIF)	R$/30kg	17,98	17,30	15,81	15,35

Fonte: Conab.
Obs.: Cotações em 15 de maio de 1996.

Por sua vez, os preços internos têm se sustentado pouco acima do mínimo de garantia (R$10,02/50kg), oscilando no mês de maio, em torno de R$10,50-10,80/50kg no Rio Grande do Sul, o que aproximou ainda mais os preços CIF nacional e importado.

Apesar de os preços internacionais terem subido ligeiramente em maio, se comparados aos de abril, a perspectiva é de que se mantenham estabilizados em 1996, na ausência de fatos novos que possam justificar uma alta mais acentuada. Não se deve perder de vista, no entanto, que os preços mundiais estão em fase altista devido à redução dos estoques mundiais do cereal. O mercado interno trabalha com a expectativa de que os preços continuem firmes tanto no nível do produtor quando no atacado, podendo chegar até a R$13,00/50kg no produtor a partir do segundo semestre. A perspectiva de elevação interna é condicionada ao comportamento dos preços internacionais, pois há disponibilidade do produto, ainda que moderada, no mercado externo.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO